



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Literatura e exílio nas páginas da *Revista Hispano Cubana*

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n1.32271>

Adriane Vidal Costa

Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil. E-mail: adriane.vidal@uol.com.br.

Palavras-chave:

Revista Hispano Cubana; Exílio;
Literatura; Cuba.

Keywords:

Revista Hispano Cubana; Exile;
Literature; Cuba.

Palabras Clave:

Revista Hispano Cubana; Exilio;
Literatura; Cuba.

Resumo

A *Revista Hispano Cubana*, criada em Madri no ano de 1998, pode ser considerada como um espaço de afirmação da cultura cubana no exílio. Nela, a literatura produzida no exílio é compreendida como uma legítima forma de contestação ao governo cubano e, ao mesmo tempo, como forma de redenção. Em suas páginas, por meio de inúmeras resenhas, a revista dá visibilidade a certas figuras da literatura cubana que não são reconhecidas pela política cultural do governo castrista. Compreender como a *Hispano Cubana* legitima e mobiliza uma literatura cubana de exílio para tecer suas críticas ao regime castrista é o objetivo do trabalho. Além disso, refletimos sobre os argumentos que a revista usa para legitimar a existência de uma tradição exílica em Cuba e de uma literatura de exílio.

Abstract

Literature and exile in the pages of the *Revista Hispano Cubana*

The *Revista Hispano Cubana*, established in Madrid in 1998, can be considered as a space of affirmation of Cuban culture in exile. In it, the literature produced in exile is understood as a legitimate form of opposition to the Cuban government and at the same time as a way of redemption. In its pages, through numerous reviews, the journal gives visibility to certain figures of Cuban literature that are not recognized by the cultural policy of Castro's government. Understanding how *Revista Hispano Cubana* legitimates and mobilizes a Cuban exile literature to weave its criticism of Castro's regime is the main goal of the article. Besides, we will reflect on the arguments that the journal uses to legitimate the existence of an exilic tradition in Cuba and of an exile literature.

Resumen

Literatura y exilio en las páginas de la *Revista Hispano Cubana*

La *Revista Hispano Cubana*, fundada en Madrid en 1998, puede ser considerada como un espacio de afirmación de la cultura cubana en el exilio. En ella, la literatura producida en el exilio se entiende como una forma legítima de contestación al gobierno cubano y al mismo tiempo, como una forma de redención. En sus páginas, a través de numerosas críticas, la revista da visibilidad a ciertas figuras de la literatura cubana que no son reconocidas por la política cultural del gobierno de Castro. Comprender cómo la *Hispano Cubana* legitima y moviliza una literatura cubana de exilio para tejer sus críticas al régimen de Castro es el objetivo del trabajo. Además, se reflexiona sobre los argumentos que la revista utiliza para legitimar la existencia de una tradición de exilio en Cuba y de una literatura del exilio.

O debate sobre a existência de uma literatura de exílio foi e é tema de muitas reflexões na América Latina. Nos anos 60 e 70 do século passado, escritores como Júlio Cortázar, Mario Vargas Llosa e os críticos literários e ensaístas Angel Rama e Emir Rodríguez Monegal debateram fortemente a questão. Em 1982, Emir Rodríguez Monegal (1982) afirmou que o exílio foi um grande tema da literatura latino-americana e que a literatura latino-americana tem sido quase sempre exilada. Uma frase que compreende, obviamente, a história da literatura cubana, mesmo antes da revolução de 1959¹. A literatura de exílio pode ser compreendida como um fenômeno de duplo sentido: uma literatura na qual os autores tratam da temática do exílio, porém sem vivenciá-lo e, também, como uma literatura escrita por autores que vivem e narram a experiência exílica. Atualmente, os estudos sobre o exílio, seja na área dos estudos literários, seja nas ciências humanas, contribuem sobremaneira para as análises e debates a respeito das produções daqueles que estão, por diversas razões, fora de sua terra de origem. A situação do exílio motiva a criação de romances, ensaios, petições e revistas, como, por exemplo, a *Revista Hispano Cubana*².

O objetivo central deste trabalho é mostrar como a *Revista Hispano Cubana* legitimou e mobilizou uma literatura cubana de exílio por meio da análise de uma de suas seções: *Recensiones*. Em todos os seus números, a revista trouxe em suas páginas várias resenhas de autores cubanos que viviam dentro e fora da ilha, como poetas, romancistas, ensaístas e historiadores. Resenhou também livros de autores cubanos já falecidos e que foram de grande importância para a comunidade exilada e, em menor escala, de autores não cubanos. A revista procurava acentuar que a literatura cubana foi fortemente marcada

pelo fenômeno do exílio, talvez mais do que qualquer outra literatura do continente. Fenômeno que, segundo a revista, se intensificou a partir da segunda metade do século XX.

As revistas, como objeto de investigação, estão sendo cada vez mais incorporadas às pesquisas históricas e como fonte são um suporte rico e diversificado que revela processos históricos, usos e costumes. Para potencializar o uso da revista como fonte é necessário lembrar que elas têm atuado no fomento à adesão ou ao dissenso; articulado, divulgado e disseminado projetos, ideias, valores e comportamentos; produzido referências homogêneas e cristalizadas para a memória social; e, por fim, formado visões imediatas de realidade e de mundo. Tais aspectos apontam para a abrangência do campo de ação da revista e afirma a força de sua intervenção nas diferentes esferas da vida social, política e cultural na sociedade contemporânea (MARTINS, 2003)³. No caso específico da *Revista Hispano Cubana*, ela foi um importante canal de difusão da literatura cubana produzida no exílio.

O exílio é, segundo Edward Said (2003, p. 177), “irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico”, é uma condição criada para negar a dignidade e a identidade do indivíduo. A experiência do exílio, além de resultar em movimentos e buscas, tem a marca do ressentimento. Tal como nos aponta Said, os exilados se sentem órfãos e as pátrias que os acolhem são, a princípio, sempre provisórias. Assim, o resultado direto do exílio é o sentimento de isolamento e o desejo constante de relembrar a terra de origem. Dessa forma, as produções exílicas podem ser compreendidas como espaços para minimizar esse sentimento de orfandade e de isolamento. A *Revista Hispano Cubana* é

1 Podemos citar como exemplo, no século XIX, as obras poéticas de José María Heredia, Eugenio Florit e José Martí e os romances de Cirilo Villaverde, escritos, em grande medida, no exílio. Sobre o escritor cubano e o exílio ver Rojas, 2013.

2 Para este trabalho analisamos os números publicados entre 1998 e 2002, em especial a seção *Recensiones*. A revista foi publicada trimestralmente no período de 1998 a 2014. Com exceção do seu último número, o 47º, todos estão disponíveis em PDF no [site www.revistahc.org](http://www.revistahc.org) e no portal da Fundación Hispano Cubana, www.hispanocubana.org.

3 Para uma análise mais acurada sobre o uso de revistas como fonte ver Beigel, 2003; Crespo, 2010 e Patiño, 2009.

compreendida aqui como espaço de acolhimento, de crítica ao regime castrista, de resistência, de reforço de laços identitários em terra estrangeira e de ligação com o país de origem. Nesse espaço, os cubanos comungaram do mesmo destino: a condição de exilados, podendo se constituir, em certa medida, em uma “comunidade imaginada” nos moldes propostos por Benedict Anderson (2008).

O exílio sempre foi uma tradição na cultura latino-americana, afirmou Ángel Rama (1978). Para o autor, a palavra exílio “tem um matiz precário e temporário: parece aludir a uma situação anormal, transitória, algo assim como um parêntese que se fecha com o retorno às origens”. Os exílios criaram e intensificaram redes de comunicação entre intelectuais e ampliaram o conhecimento das singularidades de cada região. A história da América Latina tem sido, desde o século XIX, marcada pelo exílio, seja ele forçado ou voluntário, seja para países do Continente Americano ou para a Europa. Grandes figuras do século XIX ilustraram essa tradição: Sarmiento, no Chile; Montalvo, na Colômbia e na França; José Martí, na América Central e Estados Unidos. No século XX — o século do exílio —, continuaram a tradição Octavio Paz, Julio Cortázar, Pablo Neruda, Vargas Llosa, García Márquez, Ferreira Gullar, Guillermo Cabrera Infante, Severo Sarduy, Jesús Díaz e tantos outros.

Há um grande número de escritores cubanos exilados não só nos EUA e Espanha, mas em várias partes do mundo. Exílio que se intensificou a partir de fins da década de 1960⁴ com o endurecimento da política cultural do regime e o “caso Padilla”⁵, no início da década de 1980 com o chamado exílio de Mariel⁶ e na década de 1990 com a crise dos balseiros. Em grande parte da década de 1990, o governo cubano permitiu que vários intelectuais/escritores saíssem da ilha para fazer intercâmbios, viagens literárias e assumir cátedras em universidades norte-americanas e europeias. Escritores que, por diversos motivos, principalmente político e econômico, optaram por permanecer nos países que os acolhiam e não voltaram a viver em Cuba. São exemplos os intelectuais Miguel Barnet, Pablo Armando Fernández, Eliseo Diego, Cintio Vintier, Antonio Benítez Rojo, Edmundo Desnoes, Lisandro Otero e Jesús Díaz.

As revistas criadas no exílio⁷, como a *Revista Hispano Cubana*, são instrumentos para romper com o distanciamento físico e temporal. Guillermo Cabrera Infante (1996, p. 481), escritor cubano que viveu no exílio, afirmou certa vez que “ser cubano é ter nascido em Cuba. Ser cubano é ir com Cuba a qualquer lugar. Ser cubano é carregar Cuba em uma memória persistente”. A afirmação do escritor mostra a possibilidade de existir no exilado uma noção de pertencimento à terra de origem ainda que ele estivesse afastado

4 O exílio cubano com destino a outros países, principalmente aos Estados Unidos, não foi um acontecimento posterior à Revolução Cubana de 1959. Ele teve início no século XIX, quando muitos, embora envolvidos pelo sentimento nacionalista, exiliavam-se em decorrência das guerras pela independência e da instabilidade política em busca de melhores condições de vida e novas possibilidades de luta. No período que antecedeu à Revolução Cubana, a motivação maior era de ordem econômica, ainda que houvesse aqueles que buscassem refúgio político, como o fizeram os adversários políticos dos governos de Gerardo Machado, Grau San Martín e Fulgencio Batista. Nos primeiros anos pós-revolução, de 1959 até 1962, os que emigravam foram considerados “exilados políticos”, imprimindo, desta forma, um caráter político ao tema migratório e organizando as primeiras forças contrarrevolucionárias de estímulo à emigração ilegal. Geralmente, o exílio pós-revolução é dividido em primeiro êxodo, Camarioca e Lei de Ajuste Cubano (1965); segundo êxodo, Mariel e Acordo Migratório (1980-1984); terceiro êxodo, Malecón e Acordo Migratório (1994). Sobre o exílio cubano ver: Aja Díaz, 2002; Bansari, 2000; De La Nuez, 1998; Gott, 2006; Rojas, 2006.

5 O poeta cubano Heberto Padilla recebeu o prêmio *Casa de las Américas* em 1967 e, em seguida, foi destituído do prêmio e expulso da União dos Escritores de Cuba por causa de suas opiniões sobre a Revolução. Em 1971, Padilla foi preso e fez — ou, como muitos afirmam, foi coagido a fazer — uma autocrítica, negando tudo que havia dito anteriormente. Isso desencadeou uma onda de protestos por parte de antigos aliados de Cuba, como, entre outros, Jean-Paul Sartre e Mario Vargas Llosa.

6 Sobre o exílio de Mariel, ver: Marques, 2012.

7 Sobre o uso de revistas criadas no exílio como objeto/fonte de pesquisa, ver: Neto; Prates, 2014.

dela. Esse desejo de pertencimento geralmente originava a necessidade de estar constantemente refletindo sobre a terra de origem, até mesmo como forma de resistência, o que fez com que aquilo que era produzido em situação de exílio apresentasse posições políticas, como aconteceu com muitos textos publicados por vários intelectuais na *Revista Hispano Cubana*. Enfim, o exílio cubano pode ser compreendido, também, como uma experiência histórica que diz respeito a uma vivência coletiva em um espaço compartilhado: as revistas. Espaço, por excelência, definidor da condição exílica e de elo identitário entre a comunidade de cubanos no exílio. Uma frase escrita certa vez pelo cubano José Martí (apud INFANTE, 1996, p. 7), repetida insistentemente por muitos intelectuais no exílio, expressa a ideia: “Cuba nos une em solo estrangeiro”.

A *Revista Hispano Cubana* foi fundada em 1998⁸ pelo basco Guillermo Gortázar Echeverría – seu diretor entre 1998 e 2002 –, professor da Universidad Nacional de Educación a Distancia e membro do Conselho do Partido Popular Espanhol, pelo qual foi deputado entre 1993 e 2002. A revista foi financiada pela Fundação Hispano-Cubana, também criada em 1996 por Guillermo Gortázar Echeverría, como um instrumento da direita espanhola para estabelecer contatos com os exilados cubanos e fortalecer a política externa do país com Cuba⁹. A fundação, sem fins lucrativos, é integrada por espanhóis e cubanos que residem dentro e fora da ilha, cujo objetivo fundamental é a ajuda humanitária e o desenvolvimento, a promoção e o respeito aos Direitos Humanos em Cuba. Além disso, a fundação se apresenta como uma instituição de apoio aos exilados e refugiados cubanos na Espanha e promotora de eventos culturais para integrá-los. A Fundación Hispano Cubana, por

sua vez, recebe apoio financeiro da associação *Proyectos de Sensibilización de la Generalitat Valenciana*, da *Fundación Cubano Americana* dos Estados Unidos (Miami) e do *Partido Popular Espanhol de Valencia e Madri*.

A principal característica da *Revista Hispano Cubana* foi ser uma publicação trimestral de política, cultura e arte. A revista, que manteve uma conexão forte com Miami, se apresentava como um instrumento para reforçar os vínculos entre os povos da Espanha e Cuba, tendo sempre como ponto de referência a defesa da liberdade, da democracia e dos direitos humanos. Foi declaradamente anticomunista e anticomunista. A revista abria suas páginas somente para escritores e colaboradores que defendiam os princípios da liberdade e da democracia. Os artigos eram avaliados pelo Conselho de Redação, que estabelecia como critérios a qualidade literária ou ensaística dos artigos recebidos. A missão da revista era a de facilitar o acesso de variadas informações sobre a ilha aos cubanos dentro de Cuba e no exílio, como também aos espanhóis. No caso de Cuba, a revista reconhecia as dificuldades de divulgação e distribuição, pois circulava clandestinamente na ilha¹⁰.

Durante seu período de existência, a linha editorial da revista pouco mudou. Foi composta pela seção *Crónicas desde Cuba*, uma série de testemunhos sobre as privações que sofria o povo cubano dentro da ilha, geralmente era escrita por jornalistas cubanos independentes. As páginas centrais eram dedicadas a artigos e ensaios políticos e culturais. A seção *Derechos Humanos* recolhia experiências dos presos políticos em Cuba. A revista se encerrava como uma ampla seção dedicada à cultura hispano-cubana (literatura, música, cinema, etc).

A *Revista Hispano Cubana* contava em seu

8 A fundação da revista ocorreu no final da década de 1990, período em que Cuba vivia uma intensa crise estrutural sob os efeitos do Período Especial em Tempos de Paz e pela crise dos balseros.

9 Para um estudo aprofundado sobre a *Revista Hispano Cubana*, ver Prates, 2015.

10 A revista chegava na ilha por meio de missões diplomáticas e turistas. Porém, não se sabe ao certo quantos exemplares circularam em Cuba.

Conselho Editorial com a presença de escritores e jornalistas cubanos, como Manuel Díaz Martínez, María Elena Cruz Varela y Raúl Rivero, assim como de intelectuais espanhóis, como o poeta Luís Alberto de Cuenca, e de latino-americanos, como peruano Álvaro Vargas Llosa. O Conselho de Redação, no período analisado, foi formado por Orlando Fondevila e Rocio Martinez. A direção ficava a cargo de Javier Martínez-Corbalán e o Conselho Editorial, com poucas variações, foi composto por Cristina Álvarez Barthe, Elías Amor, Luis Arranz, María Elena Cruz Varela, Jorge Dávila, Manuel Díaz Martínez, Ángel Esteban del Campo, Alina Fernández, M^a Victoria Fernández-Ávila, Celia Ferrero, Carlos Franqui, José Luis González Quirós, Mario Guillot, Guillermo Gortázar, Jesús Huerta de Soto, Felipe Lázaro, Jacobo Machover, José María Marco, Julio San Francisco, Eusebio Mujal-León, Fabio Murrieta, José Luis Prieto Benavent, Tania Quintero, Alberto Recarte, Raúl Rivero, Ángel Rodríguez Abad, José Antonio San Gil, Pío Serrano, Daniel Silva, Álvaro Vargas Llosa, Alejo Vidal-Quadras.

A *Revista Hispano Cubana*, e de um modo geral revistas criadas no exílio, contribuiu sobremaneira para a produção de sentido e para o reconhecimento da literatura de exílio, pois abriu espaço para os escritores e ajudou a difundir as suas produções. Para ficarmos apenas com algumas revistas de cubanos fundadas no exílio, podemos citar: nos Estados Unidos: *Exilio: revista de humanidades* (1968) e *La Nueva Sangre* (1968); *Escandalar* (1982), uma das primeiras revistas a proclamar a existência de uma cultura cubana do exílio; *Mariel* (1983) e *Habana Elegante* (1998). Na Espanha: *Hispanova* (1973), *Encuentro de la Cultura Cubana* (1998). As editoras que publicavam os escritores exilados, nos Estados Unidos e na Espanha, também foram fundamentais, muitas delas reconhecidas e elogiadas pela revista aqui analisada, tais como: nos Estados Unidos, a *Universal* (Juan Salvat) e *Linden Lane Press* (Guillermo Cabrera Infante) e na Espanha: *Playor*

(Carlos Alberto Montanear), *Betania* (Felipe Lázaro), *Pliegos* (César Leante), *Verbum* (Pío Serrano), *Dador* (Rafael Rosado), *Cocodrilo Verde* (Rosaría Hiriart) e *Colibri* (Victor Batista) (MACHOVER, 2002). As revistas e as editoras constituíram-se em importantes veículos de divulgação de uma literatura cubana de exílio.

A *Revista Hispano Cubana*, em suas resenhas críticas, ressaltava como ponto primordial para a consolidação da literatura cubana de exílio, a produção da chamada geração de 1980 ou *Generación de Mariel*, pois foi ela que, com muita batalha e esforço, abriu caminho para que o mundo conhecesse a literatura cubana. A revista destacou os escritores: Reinaldo Arenas, Miguel Correa, Carlos Díaz, Milton M. Martinez, Roberto Valero e Carlos Victoria¹¹. Para a *Revista Hispano Cubana*, essa geração deu início à diáspora cubana. A revista compreendia por diáspora o fenômeno da dispersão, assim como o significado da origem do conceito: o povo judeu que sem território próprio se disseminou pelo mundo. No caso cubano esse processo se deu com maior força a partir da década de 1980 com o exílio de Mariel. Os escritores da chamada diáspora da literatura cubana tinham como tarefa reunir, assim como nas comunidades judias, todos os escritores errantes que estavam dispersos pelo mundo em torno de revistas, editoras e associações que publicassem seus pensamentos e suas obras. Já na década de 1990, deu continuidade à literatura da diáspora: Zoé Valdés, Daína Chaviano, Eliseo Alberto, Alexis Díaz-Pimienta, David Mitrani Arenal, Jesús Díaz, Norberto Fuentes. Todos foram festejadíssimos nas páginas da revista. Zoé Valdés, talvez fosse a mais celebrada e conhecida escritora do exílio. Seus livros na Espanha e na França adquiriam a categoria de best-sellers. Ainda assim, a quem afirmava que Zoé Valdés era mais conhecida pelos seus artigos sobre Cuba, nos quais radicalizava as críticas contra o regime castrista, do que propriamente pela qualidade literária de suas obras. Ela teria se transformado em uma celebridade da literatura e da política, com

11 Destacamos também a contribuição do poeta e ensaísta Jesús Barquet.

uma visibilidade antes inimaginável para escritores cubanos exilados (MACHOVER, 2002).

A produção literária dos escritores cubanos no exílio foi e ainda é significativa em volume de publicações e contem livros de excelente qualidade como também de qualidade literária duvidosa, que, sem profundidade, não conseguem sair de uma militância panfletária. Alguns autores alcançaram reconhecimento da crítica e do grande público e receberam prêmios literários importantes, outros foram escritores bem medianos ou autores de um livro só. A *Revista Hispano Cubana* resenhou todos sem distinção. Para a revista, em grande medida, o que importava eram as críticas ao regime cubano e não necessariamente a qualidade literária do livro. Em cada resenha, traçava uma biografia do autor da obra e, dependendo da importância e do alcance da militância do autor, as críticas ocupavam mais espaço que a análise da obra. Assim, o foco da revista era mais nas acusações presentes nos livros resenhados do que propriamente em seus aspectos literários, estilísticos e formais.

A revista também resenhou autores cubanos que não estavam no exílio, mas que eram publicados fora da ilha, principalmente na Espanha, como, por exemplo, Abilio Estévez, autor de *Tuyo es reino* (Tusquets, 1991) uma novela alegórica sobre a revolução e os anos posteriores a ela; Leonardo Padura, autor de novelas como *Máscaras* (Tusquets, 1997), *Paisaje de otoño* (Tusquets, 1998); Pedro Juan Gutiérrez, adepto do realismo sujo, que apresentava retratos *sui generis* da realidade cubana, sobretudo em *Trilogía sucia de la Habana* (Anagrama, 1997) e o *El rey de la habana* (Anagrama, 1999). De acordo com a revista, tais autores exerceram influência marcante nos escritores exilados. Era uma forma de acessar o que era produzido de forma mais crítica e livre dentro de Cuba.

A *Revista Hispano Cubana* dedicou amplo espaço para obras contemporâneas que faziam críticas diretas ao governo da ilha. Foi notável nesse periódico a preponderância de autobiografias e de obras que possuíam uma forte

conexão com a realidade cubana pós-Revolução. Valorizava-se, assim, obras que denunciavam os aspectos negativos da vida econômica, social e política de Cuba. Frequentemente as críticas ao castrismo eram retomadas pelos autores das resenhas a fim de reafirmá-las e aprofundá-las. Tal abordagem ficou explícita, por exemplo, na resenha de Manuel Díaz Martínez sobre o livro *Informe contra a mí mesmo* (1997), de Eliseo Alberto:

É um livro que nos obriga a meditar sobre a tragédia da nação cubana sob o castrismo – nossa maior tragédia deste século – e sobre a participação e o destino de cada um de nós nesta tragédia, o que pode continuar após Castro se não formos capazes de construir pontes sobre o abismo causado por quarenta anos de intolerâncias, loucuras, repressão, retaliação e ressentimento. (MARTÍNEZ, 1998, p. 181)

Essa abordagem dada à literatura pela *Revista Hispano Cubana* pode ser melhor compreendida quando se leva em conta o forte caráter militante da publicação, conectada a interesses políticos, já explicitados, muito bem demarcados.

Para a *Revista Hispano Cubana*, o cubano exilado, quase sempre, se situava entre o sentimento de nostalgia e a tentativa de reconstruir um novo projeto de vida. Como demonstrou a resenha do livro de Zoé Valdés, *Café nostalgia* (Planeta, 1997):

Surpreende nesta jovem escritora – que nasceu em 1959 – sua enorme capacidade de criação. Indo contracorrente, recém-chegada ao exílio, com uma filha pequena, em precária situação econômica, não se deixou vencer pela autocompaixão que paralisa. Pelo contrário, sua nostalgia é uma força geradora, irreparável, que assegura sua própria sobrevivência como escritora (SERRANO, 1998, p. 185).

Geralmente o escritor exilado transformava a experiência do exílio em narração, em testemunho, em ficção. A literatura cubana de exílio incorporava o nostálgico, o testemunhal, o

anticastrismo, o autobiográfico, o erótico, o marginal. O exílio provocou múltiplos escritos, passando pelo testemunho, pela novela e pela poesia. Neles, os escritores expressaram seus sofrimentos e suas críticas ao regime castrista por meio do humor, do dramático e do épico. Em todos os livros resenhados, pelo menos os analisados até então, a *Revista Hispano Cubana* tentou deixar claro as relações existentes entre a condição de exilado e a escrita autobiográfica. Para a revista, os escritores exilados adquiriram, mesmo sem querer, o estatuto de porta-vozes de uma oposição reduzida ao silêncio em Cuba, transformando a palavra no principal meio para resistir ao regime cubano. Como vítimas de uma experiência dramática e cruel, era como se os escritores oferecessem um testemunho baseado na descrição do vivido como nas sensações geradas pelo sofrimento de ter que sair do seu lugar de origem, convertendo a escritura em exercício de memória exemplar, como se fosse uma verdade inquestionável (MACHOVER, 2002).

É importante ressaltar que a discussão sobre a literatura na revista abordou três eixos principais: o exílio, a censura e o papel do intelectual. O cerceamento exercido sobre a sociedade cubana em geral, e, principalmente, sobre figura do intelectual e sua produção, foi criticado constantemente nas resenhas. A revista rechaçava a política cultural institucional do regime cubano e as perseguições realizadas àqueles que para o governo não se adequavam a revolução ou se opunham a ela. Para a revista, a política cultural na ilha, estabelecia normas, padrões ideológicos, morais e sexuais que deveriam guiar o comportamento da população. Assim, a criatividade, as liberdades de expressão e de criação eram limitadas pelas diretrizes vigentes no campo cultural e subordinadas à esfera política,

o que diminuía a autonomia dos intelectuais. Por isso, muitos escritores afirmavam encontrar no exílio o único caminho para a promoção de suas obras.

Ainda que com diferentes estilos, as resenhas críticas abordavam temáticas semelhantes: a incerteza dos personagens em relação ao futuro da ilha, uma forte presença da morte e do suicídio como uma forma de liberdade, de protesto e de contestação ante uma situação que não tinha mais esperança porque não havia um amanhã; a denúncia das perseguições aos homossexuais, das *Unidades Militares de Ayuda a la Producción* (UMAPs)¹² e da decadência da cidade, principalmente de Havana.

Em toda a revista, não apenas na seção resenhas, encontra-se, com grande frequência, um discurso fortemente idealizador de uma Cuba pré-revolucionária que, na realidade, nunca existiu: democrática, desenvolvida economicamente e independente politicamente. A revista estava tão comprometida com o anticastrismo e com os interesses políticos aos quais estava diretamente vinculada, que chegou a responsabilizar o “regime totalitário” por problemas de toda ordem que ocorriam em Cuba. É muito frequente nessa publicação a valorização do escritor como delator dos abusos do poder. Na resenha de Manuel Martínez sobre a obra de Eliseo Diego, *Informe contra mí mismo*, consta que o livro “é um testemunho de vida, a saga de uma família, a crônica de uma época, a denúncia de um regime tirânico, a memória de uma nostalgia” (MARTÍNEZ, 1998).

12 De acordo com Silvia Miskulin, a repressão aos homossexuais começou em Cuba no início dos anos sessenta e intensificou-se rapidamente, sendo dirigida pela polícia e pelos agentes da *Seguridad del Estado*, do Ministério do Interior. De modo geral, os homossexuais eram taxados de “perversos” e “corruptores da Revolução”. Segundo a autora, a “política de perseguição homofóbica efetivou-se com buscas e internamentos de homossexuais (reais ou presumidos) nas *Unidades Militares de Ayuda a la Producción* (UMAPs), em Camagüey, que funcionavam como campos de trabalho forçado para os ‘desviados’ ideológicos ou sexuais” (MISKULIN, 2009, p. 87).

A partir do que foi aqui apresentado, podemos aventar que a literatura de exílio agrega, para além do esquema tradicional de revolucionário e contrarrevolucionário, outros elementos: a alteridade, a diferença, a transgressão, a marginalidade, a resistência, a impostura, a sexualidade, a violência, produzindo uma variedade de estilos e discursos com múltiplas subjetividades. Assim, tal tema de pesquisa exige um enfoque multicultural e multidisciplinar para compreender, talvez, uma nova fase dos estudos culturais e literários cubanos.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BANSART, A. *Memoria, nostalgia y exilio*. Caracas: Aveca, 2000.
- BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, v. 8, n. 20, p. 105-115, 2003.
- CAMPOS, Giovana Cordeiro; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Dimensões geográficas, literárias e tradutórias do exílio. *Literatura em Debate*, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2008.
- CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. *Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales*. Colima: Universidad de Colima, 2010. p. 1-15. CD-ROM.
- DE LA NUEZ, Iván. *La balsa perpetua*. Soledad y conexiones de la cultura cubana. Barcelona: Casiopea, 1998.
- DÍAZ, Antonio Aja. La emigración cubana. Balance en el siglo XX. In: DÍAZ, Antonio Aja. (Org.). *La emigración cubana*. Balance en el siglo XX. Habana: CEMI, 2002.
- GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- INFANTE, Guillermo Cabrera. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MACHOVER, Jacobo. La memoria contra el poder: escritores cubanos del exilio. In: MURRIETA, Fabio. (Org.). *Creación y exilio*. Memoria del I Encuentro Internacional com Cuba en la Distancia. Madrid: Editorial Hispano Cubana, 2002. p. 106-118.
- MARQUES, Rickley Leandro. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da Revolução Cubana*. Goiânia: EDUFMA, 2012.
- MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, v. 22, n. 1, p. 59-79, 2003.
- MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.
- MONEGAL, Emir Rodríguez. Literatura e exílio. *Vuelta*, v. 6, n. 63, p. 45-47, 1982.
- NETO, Raphael Coelho; PRATES, Thiago Henrique Oliveira. Revistas de intelectuais exilados como objeto de pesquisa: o caso de *Araucaria de Chile* e *Encuentro de la Cultura Cubana*. *Faces da História*, v. 1, n. 1, p. 124-146, 2014.
- PATÍÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 456-470.
- PRATES, Thiago Henrique Oliveira. *O mundo não acaba no Malecón: exílio, intelectuais e dissidência política nas revistas*. Encuentro de la Cultura Cubana e Revista Hispano Cubana (1996-2002). Belo Horizonte, 2015. 246f. Dissertação (Mestrado de História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- RAMA, Ángel. La riesgosa navegación del escritor exilado. *Nueva Sociedad*, n. 35, p. 5-15, 1978.
- ROJAS, Rafael. *La vanguardia peregrina*. El escritor cubano, la tradición y el exílio. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- ROJAS, Rafael. *Tumbas sin Sosiego: revolución, disidencia y exílio del intelectual cubano*. Barcelona: Anagrama, 2006.
- SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SERRANO, Pio. Café nostalgia (Resenha). *Revista Hispano Cubana*, vol 1, p. 185, 1998.